

leque aberto

RAQUEL NAVEIRA

PENALUX, 2020

LEQUE ABERTO

Encontrei entre os guardados de minha mãe, um leque. Um leque vermelho como uma aurora boreal. A renda toda revestida de lantejoulas rubras. Abri as hastes brancas de madrepérola e ele fez um estranho som. Fechei novamente como quem toca um instrumento de flerte e sedução. Era tão vaidosa a minha mãe! Nascera mulher, preocupada com seus retratos e decotes, com o que os outros pensariam de sua beleza. Uma necessidade enorme de ser notada, de não passar nunca despercebida. Às vezes isso a fazia cair um vácuo, num vazio absoluto, que doía em sua velhice.

Abro o leque sobre o rosto, escondendo a boca. O gesto trouxe à minha memória o trecho de um poema de Fernando Pessoa: “O teu silêncio é um leque,/ Um leque fechado,/ Um leque aberto seria tão belo, tão belo,/ Mas mais belo é não o

abrir, para que a Hora não peque.” Que analogia! O silêncio como um leque fechado, um enigma, um mistério, um fascínio. O leque desdobrado, mas sem abanar a dama, entregue a seus pensamentos. O leque esquecido em seu colo, o cabelo solto, as chamas saindo do seu corpo. Quanta feminilidade!

No mesmo poema, o “Hora Absurda”, o poeta afirma que “já não há caudas de pavões todas olhos nos jardins de outrora”. O pavão é a pura imagem da vaidade. Essa ave, que simbolizava a deusa Juno, abria a cauda em forma de leque e provocava chuvas de fertilização celeste. O leque em círculo evoca mesmo um céu de estrelas, miríades de olhos na plumagem azul-esverdeada. Por um instante é como se nossa alma se deparasse com o cosmos.

Este leque talvez seja a cauda de um pavão vermelho. As pedrarias, gotas de ciúme, um princípio de corrupção. Ânsia de sangue real e imortalidade. Um atiçador de fogo. “Vaidade de vaidades! É tudo vaidade”, escreveu o rei Salomão em sua contemplação da raça humana. Tudo é vaidade e aflição do espírito. Confessemos o quanto somos vaidosos. O nosso cuidado exagerado com a aparência. O desejo de atrair admiração e elogios. A

necessidade de ter a própria existência reconhecida. Caprichamos nas vestimentas, comportamentos, bens, eloquência, cultura. Artistas e poetas, então, como trabalham vaidosamente debaixo do sol. A sede de comunicação faz violentar até os temperamentos tímidos. E se aumentam em conhecimentos, aumentam sua dor. Correm atrás do sonho, entre leques de grandes plumas. Confessemos, pois há o perigo iminente de cairmos nas falsas esperanças do mundo. Percebamos, enquanto há tempo, as sérias realidades do mal, da injustiça e da morte que nos cercam e enlaçam. Fiquemos em comunhão com Deus, com a obra de amor que Ele quer fazer em nossa vida. Entreguemos nossos poemas como se fossem pássaros buscando o infinito.

Tudo é vaidade. “Tudo névoa-nada”, escreveu o poeta e tradutor Haroldo de Campos, em sua “transcrição” do Eclesiastes, a partir do texto em hebraico, mantendo o ritmo poético, a sonoridade e a rede metafórica original. Haroldo fugiu da palavra “vaidade” e usou expressões como “fome-de-vento”, “fumaça”, “vapor”, “ilusão passageira”. Dirigindo-se aos poetas e sábios alertou: “Aonde a ciência cresce/acresce a pena”. // Tudo é vaidade, mas não ter

vaidade seria a maior de todas as vaidades. Vaidosas e esmagadas, minha mãe e eu. Abro e fecho com fúria o leque em minhas mãos.

PENTEADEIRA

Restaurou a antiga penteadeira, com o espelho de cristal bisotado e a banquetta de couro, que ficava no quarto dela, a sua mãe. Muitas vezes a filha a viu frente ao espelho, que lhe parecia baço, coberto de pó. A mãe abria potes de cremes, passava unguentos, o rosto lambuzado de grumos. Que esperava encontrar naquelas geleias? Juventude eterna? Mucos verdes escorriam em sua pele. Havia frascos de perfume, meio abertos, violentos, exalando odores fortes em estranha alquimia. Quando o sol batia na penteadeira, quase na hora do crepúsculo, o torpor morno aquecia as essências e a filha tinha vontade de chorar. A mãe fenecia tristemente. Algo acontecera no passado dela que a tornara tão vulnerável. Não conseguia envelhecer com graça e se satisfazer com o florescimento da filha, ao contrário, corroía-se de ciúme e inveja.

A princípio, quando pequena, a filha a considerava uma rainha, a mulher mais bela do mundo, enquanto a mãe confirmava seu encanto no espelho mágico da penteadeira. A mãe ajeitava as mechas louras, passava lápis preto ao redor dos olhos claros. Mirava-se de longe e de perto como se o espelho fosse a superfície da água e ela uma espécie de Narciso. Sim, Narciso, aquele rapaz da mitologia grega, objeto da paixão de ninfas e mortais, mas insensível ao amor. Ao abaixar-se numa fonte para saciar a sede, olhou seu reflexo. Ficou seduzido pela própria beleza. Indiferente ao mundo, apaixonada por si mesma, a mãe se inclinava sobre sua imagem com meneios do corpo, projetando para a frente os seios alvos de flor.

O espelho da penteadeira brilhava, quando a mãe perguntou: “– Minha filha é mais bonita do que eu?” O espelho respondeu com a voz da filha: “– Ela é mil vezes mais linda.” A mãe se enfureceu: “– Minha filha tornou-se uma ameaça. Preciso devorar seu coração, ter um comportamento semelhante ao dela, competir. O pai sempre foi um fraco, ambivalente, um sumido no mundo. Não adiantará ela tentar fugir, penetrar florestas. Tenho poder sobre ela, reaparecerei em sua vida em todas

as fases, em todas as circunstâncias, em todas as noites de lua, quebrando caixões de vidro, imobilizando-a com cintos apertados de fitas, cravando pentes pontiagudos e venenosos em sua cabeça. Ela é da mesma matéria que eu, do mesmo sangue, da mesma árvore, da mesma vaidade, da mesma atração, da mesma fraqueza humana. Destruirei sua paz interna, devastarei, dividirei com ela a maçã branca e vermelha do desejo maduro até o fim, até calçar sapatos de ferro e sair dançando em direção ao abismo, até o renascimento, até nossos ossos virarem um punhado de cal e neve.”

Sentada no banco de couro da penteadeira, a filha observa o espelho numinoso com o terror que inspira o autoconhecimento. Relembra o nostálgico poema de Cecília Meireles: “Eu não tinha este rosto de hoje, assim calmo, triste, magro, nem os olhos tão vazios e o lábio amargo. Em que espelho ficou perdida a minha face?” Tantos anos se passaram... Como elaborar um conflito que a consome há séculos? Um dilema de mulher? Bem que um duque grisalho tentou protegê-la, arrancar em vão de sua boca o pedaço da maçã que a sufoca. Ela lhe disse: “-Perdoe-me. Não posso me libertar de minha raiz. Agora vemos por esse

espelho realidades invertidas, enigmas, mas um dia veremos tudo face a face.”

Restaurou a antiga penteadeira. Dentro do espelho, um espírito em forma de máscara, rodeado por fumaça e fogo, continua falando a verdade.



LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Adobe Caslon Pro
para a Editora Penalux, e impresso em papel
off-white 80 g/m², em agosto de 2020.
